

M=20
J 4-22 15-5
C.M.B. BIBLIOTECA
C.M.B. Biblioteca
J=23-4-
L=13

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Rlc

Composto e impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTONIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

As Louças de Barcelos

III

Os Bonecos Pintados

Os Bonecos de Barro de Barcelos, são também muito antigos. Há quem seja de opinião que eles datam da época dos primeiros Presépios. É uma opinião que não podemos contestar, conquanto nunca descobríssemos nos nossos bonequeiros inclinação para os Presépios, nem mesmo para a iconografia. Nos nossos modeladores anónimos vemos, em todos os tempos, inclinação para a fauna e flora, e pouco para a figura humana, e nesse pouco, especialmente focando costumes. A Arte Religiosa e Presépios são sempre cópias grosseiras de outras terras e outros artistas, que eles decalcam.

Nesta classe de louças, muito embora isto pese a muita gente, a verdade é que, a sua grandíssima maioria de modelos não pode classificar-se na nossa indústria regional, porque lhes falta, precisamente, a primeira condição — ser Nosso. Não pode ser nosso aquilo que foi fraudulentamente decalcado de outrem. É pena que isto aconteça, porque se fosse possível fazer desaparecer tudo o que não é nosso, ainda ficávamos com bastante e com a melhor parte.

É impossível descrevermos todos os modelos que aqui se meteram à socapa, fazermos a devida separação do que é nosso e do que não é. Talvez só o Museu Regional o possa fazer convenientemente e como convém, mas o colecionador atento facilmente fará a devida separação. Quem confunde um Músico, com uma Mascote? As nossas figuras de lavradores, com a caricatura de Santana? O Ciclista, ou o Escritor, com um Campino? A Mulher das galinhas, ou a Lavra-deira, com uma Bailarina de perna à vela? A nossa Junta de bois, com o toiro de Coimbra? O nosso Burrico carregado de fornadas, com o Cavalo que persegue o toiro nas lezírias?

Temos modeladores de muita habilidade perdidos e confundidos no meio duma verdadeira chusma de barristas inconscientes que os apagam, os confunde e destrói. Esta classe de loiças vive vilipendiada (é o termo, não encontramos outro) devido à anarquia que reina entre os seus cultores e exploradores. Torna-se absolutamente necessário separar estes hábeis barristas e inspirar-lhes ânimo e confiança. Especialmente nas freguesias de Galegos (S. Martinho e Santa Maria) há bons artistas desta especialidade capazes de fazer maravilhas; é só entusiasma-los e dirigi-los.

Resta depois fazer guerra de morte aos decalcadores, para que, de facto, os nossos artistas não sejam arruinados pela exploração do mais fácil e mais barato, fazendo compreender a estes plagiadores que comprar uma peça e reproduzi-la e vendê-la depois aos milhares, que também é um roubo, e, portanto, um acto que muito deslustra a nossa Cerâmica. — M.

O PENSAMENTO DO MÊS

Reconhecemos de boa mente aos outros a vantagem da força corpórea, da coragem, da experiência, da beleza, mas a superioridade da razão não a cedemos a ninguém. — Montaigne.

O MINHO

ARNALDO GAMA

1828-1869

VILAR DE FRADES

Com a devida vénia transcrevemos de «Antologia da Terra Portuguesa», de Luís Forjaz Trigueiros, o que segue:

« Viajante que, saindo de Barcelos e subindo pela margem esquerda do Cávado, parar, a hora e meia de caminho, na aldeia de S. João de Areias, encontra-se em amena e fértil planície, que, se não é das localidades mais mimosas e mais bem ajardinadas do Minho, é indubitavelmente uma das mais pitorescas.

Imagine o leitor um tacto plano de terreno, de extensão a perder de vista, mas de pouco mais

que três quartos de légua de largura — todo cultivado e dividido em campos de diferentes tamanhos, a que servem de extremos frondosas fileiras de castanheiros enlaçados de vides. No meio deles branquejam, como lançadas a esmo, aqui uma casa sobrada, ali uma térrea, acolá uma cabana palhiça. Todas são, em geral, exteriormente caiadas de fresco e com o esmero com que o Minhoto se apura nesta sua

(Continua na página 7)

UM POEMA DE OUTROS TEMPOS

Risquei poemas belos em trágicos momentos
E semeiei, assim, meus poemas de amor
Na renúncia de mim mesmo!
Oh! gângética dor...
Na bíblica certeza de tantos sofrimentos.

E de tudo que sofri, intemerato e louco,
Só um cântico de amor, de luz, de inspiração,
Resgatará p'rá sempre a minha condição,
Na incompreensão do mundo a diluir-me em pouco.

E da luta que travei, sonhando-me verdade,
Restam somente sonhos d'harmonias dispersos
E do fluído ondeante da alma dos meus versos
Perpassam no meu peito só gritos de saudade.

E dos meus versos pobres, de rútilas verdades,
Vivi toda a grandeza da minha desventura
Dos beijos que não dei nos rumos da aventura
Sofrendo hora a hora ignotas ansiedades.

Quero dizer, não posso...
Uma palavra vaga...
E sofro teu sentir na renúncia de teus beijos
E sinto uma volúpia crescente de desejos
Na luz do teu olhar que tanto me embriaga.

António Baptista

Handwritten notes and stamps at the bottom of the page, including a box with '4322' and '15-5'.

A Mocidade Portuguesa vai levar a efeito o «VIII Concurso do Trabalho»

«Concurso do Trabalho» é uma competição profissional, que a Mocidade Portuguesa promove, em que podem participar todos os jovens trabalhadores, filiados ou não na Organização, bem como os estudantes do Ensino Técnico.

Esta competição—pois se trata, na verdade, de uma competição em que, desportivamente, se procura apurar o melhor no seu ofício—foi criada dentro do espírito que a Mocidade Portuguesa procura dar ao jovem português, com o duplo objectivo de estimular o aperfeiçoamento profissional, nos seus aspectos moral e técnico, e pôr em relevo as qualidades de combatividade e nobreza que a nossa maneira de ser exige.

Procurar ser melhor—eis o objectivo.

Melhor, cada vez melhor, na pontualidade, no gosto de aprender, na correcção para com os superiores e camaradas, no aprumo externo, na inteireza de carácter, etc.

Melhor, cada vez melhor, no rendimento do trabalho, na perfeição e na rapidez.

Para o conseguir, para colaborar com a Empresa e a Escola Técnica, nasceu o «CONCURSO DE TRABALHO», iniciativa que o jovem aceitou prontamente e cujo interesse formativo muitas entidades patronais já compreenderam, colaborando, de mãos dadas com a Mocidade Portuguesa, na sua realização.

A Delegação Provincial do Minho e todas as Subdelegações Regionais da Divisão estão já a preparar as fases regionais e provincial do «VIII Concurso do Trabalho» junto das escolas de ensino técnico profissional e das empresas de metalurgia, marcenaria e carpintaria, electricidade e tipografia.

O Concurso deste ano vai efectuar-se nas seguintes especialidades industriais:

Madeira—Entalhadores, marceneiros, carpinteiros de moldes e carpinteiros civis.

Electricidade—Rádio-montadores, bobinadores de motores e transformadores e instaladores.

Metal—Serralheiros mecânicos, civis ajustadores e artísticos, torneiros mecânicos, fresadores, soldadores a arco e a oxihacitilene.

Artes Gráficas—Compositores, impressores e encadernadores.

Os boletins de inscrição individual devem ser solicitados à Delegação Provincial do Minho da Mocidade Portuguesa—Rua de Santa Margarida—Braga—ou às Subdelegações Regionais de Braga, Arcos de Valdevez, Monção, Valença, Caminha, Viana do Castelo, Esposende, Barcelos, Vila Nova de Famalicão, Guimarães, Fafe e Cabeceiras de Basto.

Leia, assine e divulgue o
«BOLETIM SOCIAL DA TEBE»
Uma certeza no presente e
confiança no futuro.

FALECIMENTOS

Cândido Gonçalves Pereira

Depois de longo e martirizante sofrimento faleceu no dia 19 o Snr. Cândido Gonçalves Pereira, sócio da TEBE, que deixou em todos quantos com ele privaram a mais sincera e sentida pena.

Temperamento simples, caldeado numa vida de probo labor, o seu pas-



samento deixou em todos nós uma inconfundível tristeza.

O Snr. Cândido Gonçalves Pereira tinha um bom coração e por isso mesmo a sua morte foi sentida.

D. Estrela da Silva Tavares

No passado dia 2 faleceu a Excelentíssima Snr.^a D. Estrela da Silva Tavares, empregada superior da fábrica TEBE.

O seu falecimento, por inesperado, deixou em todas as operárias que



com ela trabalharam uma longa incomensurável tristeza.

Estes funerais constituíram verdadeiras romagens de pesar, neles se incorporando todo o sentimento da TEBE.

«Boletim Social da TEBE» apresenta a todas as famílias em luto as mais sentidas condolências.

Chegou a nossa vez

É sobejamente conhecida a tragédia de Outubro do ano transacto que deixou sem pão e sem lar milhares de famílias e sepultou em ruínas a florida e risonha cidade de Valência do país vizinho. O Túria, que banha a bela cidade, de caudal desmesuradamente volumoso, saíra do leito e transformara Valência num caos indiscriminado. Em breves momentos a miséria e a morte estenderam o seu manto funéreo sobre aquela região que antes era a fértil planície de Valência.

A Humanidade inteira demonstrou a mais sentida compaixão. Não se podia, porém, ficar de braços cruzados quando milhares de vítimas se debatiam nas perspectivas angustiosas de um futuro terrivelmente triste. Urgia aparecer uma mão piedosa em socorro daqueles infelizes. E assim, quando por toda a parte se lamentava o triste acontecimento que cobria de luto a Espanha inteira, uma voz enérgica, persuasiva, convincente, brada à Europa (inteira) e ao mundo um apelo ardente à solidariedade humana, ao cumprimento do dever. Adolfo Fernandez, estudante de Múrcia, consegue a favor daqueles tristes desamparados da sorte um verdadeiro caudal monetário, que aflui constantemente a Valência. Mercê do seu amor ao próximo, bem expresso na sua palavra vibrante e apaixonada, este terceiranista de Direito feriu as cordas sensitivas do coração humano e fez brotar do peito dos seus compatriotas os tesouros inauditos da caridade cristã. Insensível aos louvores e às referências lisongeiros, de que passou a ser alvo, o seu espírito compassivo vibra de compaixão perante o sofrimento alheio.

As miseráveis condições em que vivem um sem número de infelizes, abandonados à sua desventurada existência constituem realmente um espectáculo chocante ao qual é impossível permanecer indiferente.

Não podemos, nem devemos permanecer insensíveis perante a triste realidade dos factos, que a toda a hora presenciamos e, deste modo, na esperança da boa compreensão e colaboração de todos, os alunos do Externato D. António Barroso, organizando a sua Conferência Vicentina, lançaram a ideia duma campanha a favor dos pobres mais necessitados desta cidade. Não deixeis, pois, de corresponder ao nosso apelo, vós todos, para quem as privações e as horas amarguradas da vida não existem, a fim de que possamos levar à frente a espinhosa empresa a que nos abalançamos, e que, firmemente o cremos, será, dentro em breve, um facto.

Nota da Redacção

Mais uma vez voltamos a lembrar a conveniência da entrega do original até ao dia 15 de cada mês.

Aos encarregados

Agradecemos que, de futuro, sejam prestáveis na ajuda da distribuição do «Boletim», após as horas de serviço.

Visado pela Comissão de Censura



Secção Crítica

SOROR POESIA A ETERNA

De ARTUR TOJAL

Mais um poema de Artur Tojal, mais uma nova aurora para o horizonte rasgado deste poeta que tem merecido, dos mais autorizados críticos, os incentivos a que tem direito. É um poeta retemperado pela vida e, inconformista, deixa-se reviver num mundo de arte, com desassombro e independência. «Soror Poesia a Eterna» vem a confirmar a impressão que dele tínhamos quando lemos «Fonte do Meu Saber».



Artur Tojal

Sabemos que tem outras obras publicadas, mas só conhecemos estas a que acima nos referimos. Para boa compreensão do leitor vamos publicar alguns retalhos de «A prenda da cortesã»:

Abril! Estruge alegre o teu aniversário,
Uma página mais, corrida em teu Diário.

Quisera-te mandar um braçado de flores,
Mas logo que elas morrem perdem seus
frescores...

Podia-te mandar um frasco de perfume
...Seu odor dura menos que um laivo de ciume.

e «O aniversário da cortesã»:

Manhã radiosa e linda! Um céu primaveril!
Rompeu com a alvorada um dia tão festivo
Nessa manhã louçã dum enganoso Abril.

E Eugénia ao acordar, de olhar contemplativo,
Fitava o céu lembrando o seu aniversário
Num tredo encantamento estranho e compassivo.

Desejando a este nosso amigo e colaborador o justo triunfo do seu talento, apresentamos-lhe os nossos parabéns por mais este trabalho.

///

ALMINHAS, NICHOS E CRUZEIROS DE PORTUGAL

Recebemos o 1.º e 2.º fascículos que traduzem a «fé profunda do nosso povo».

São «retábulos de ingénua pintura popular» que bem merecem ser lembrados neste mundo de vaidade e confusão.

OUTONO

O sol, é brando e morno. Mal aquece as nossas almas sós, enregeladas...
E as folhas secas gemem, levantadas por fresca aragem que nos arrefece...

Já se não ouve pelas madrugadas o conversar das aves. Emudece a voz em nossas vidas desmaiadas, e opressa solidão nos entristece.

Na rara melancolia do horizonte há um pedaço de sol em cada monte resumindo, saudosa, a luz dos céus...

Não sei que sinto em mim chegado o outono!
—Folha morta levada no abandono em que eu não sou da terra mas de Deus...

Luanda, 1958

Maria Bernardete Pontes

QUANDO AS AVES FUGIRAM DO SILÊNCIO, poemas, edição 4 ventos, autor César Teixeira.

O Poeta César Teixeira, senhor da essencialidade poética e autor amadurecido de «Alguns poemas da manhã» (Porto, 1953), «Margem» (coleção 4 ventos), Braga 1955 dá-nos agora «Quando as aves fugiram do silêncio», livro que interessa desde «Chegada», poema com que abre o livro até «Poeta», última ressonância da sua alma.

Em «Lago», poesia plena de vivacidade, destaco a última quadra:

«Paisagem flutuante deste lago
Sem maravilhas nem ostentação,
Aonde às vezes trago
A dor, por não caber no coração».

Em «Praia, Ausência e Prodígio» nota-se a mesma poética sempre bela, por vezes nascida da dor ou da amargura sem a renúncia

«Pela onda que volta à superfície».

Tudo se afirma e se renova quando o poeta se expressa assim:

Eu vim de longe nestas ondas leves
Para cortar as sombras e distâncias...
E, de olhos no futuro, já deixei
O rumo do passado.

Em «Noite», o poeta, ainda consegue dar interesse ao seu fluído psicológico dizendo-nos ainda que

«No seio desta noite,
Um poema nascendo: a madrugada».

É notável a simplicidade rítmica e a intensidade da ideia, que formam uma narração expressiva, numa poética bem caracterizada.

Em «viagem», o poeta canta o «ímpeto das trevas» e, de análise em análise, finaliza assim:

«Nasci há milhões de anos
E no princípio encontrei o fim».

«Mensagem, Quase nada, Pureza, Fatalidade, etc.» formam este livro que ultrapassa, de longe, quaisquer reticências.

António Baptista

Publicações recebidas

Notícias da África do Sul, ano VII—N.º 168. Edição e propriedade dos Serviços de Imprensa da Embaixada da União da África do Sul.

*
A Planície, Quinzenário Cultural e Regionalista, que se publica em Moura.

*
O Cávado, semanário republicano e regionalista, que se publica em Esposende e que é dirigido e editado pelo distinto escritor Dr. José Bernardino Amândio.

*
O Despertar, jornal de interesse regionalista, tem continuado a honrar-nos com a sua visita.

*
Alminhas, Nichos e Cruzeiros de Portugal, 2 volumes, edição Artes.

*
Alminhas Portuguesas, do P.º Francisco de Babo, a que nos referimos já.

*
Soror Poesia A Eterna, de Artur Tojal, de que nos pronunciamos noutra local.

*
Recebemos com agrado o «Boletim do Sindicato Nacional dos Contabilistas, Guarda-Livros e Empregados de Escritório do Distrito de Braga». Trata-se do número de Fevereiro, Ano I, N.º 1. Referir-nos-emos em maior extensão noutra local.

Divórcio Frustrado

Quando fechei, por dentro, a porta do teu quarto,
Ao teu pudor eu disse (um riso no semblante...)
—O Mundo está lá fora e dele estou eu farto.

Vamos viver, agora, o nosso amor estuante,
Feito em delírio e febre. E já me não aparto do teu amplexo termo, e nem por um instante...

Pairava, ao derredor, o sonho e a loucura,
O cheiro a cravo, o fumo, a média luz... a treva,
E nosso olhar em fogo a laminar ternura...

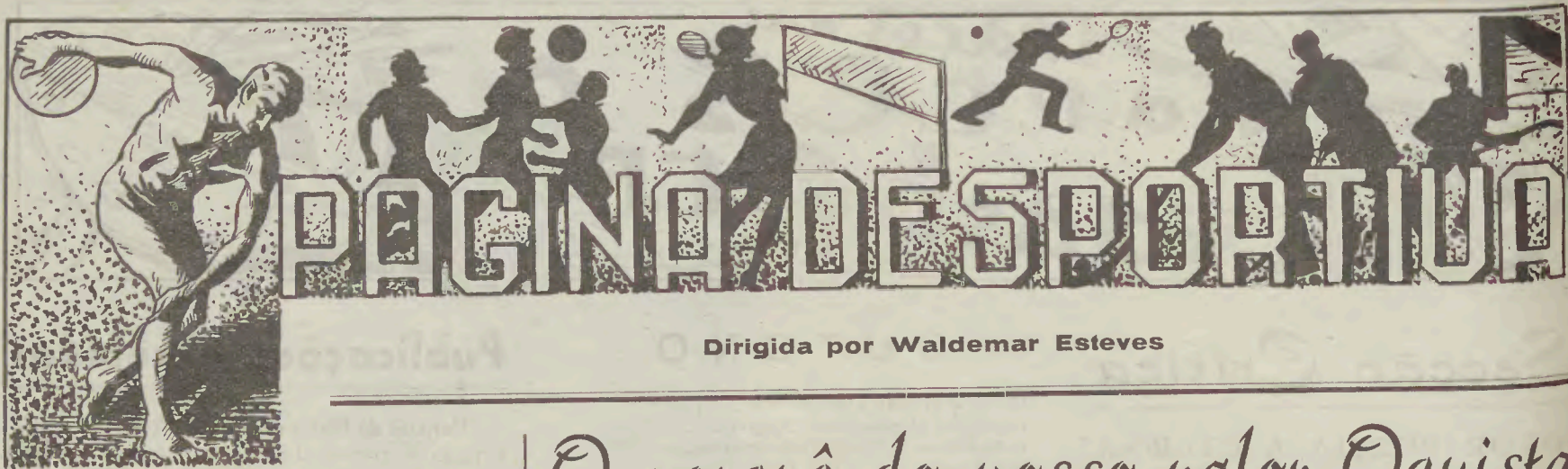
Do amor que mata o corpo e a alma nos enleva
Bebi por tua boca a trágica doçura
Em ondas dum prazer que tudo nos releva...

No corredor, lá fora, era talvez o Mundo,
Era a maledicência, a curiosa arguta,
A escutar à porta o nosso arfar profundo.

E pude ver então: a hora dissoluta
Que no quarto vivi, num ansiar fecundo,
Tinha um travor intenso à erva de cicuta.

O quarto era no Mundo, e não nos esquivamos
A interpretá-lo intenso, em anseio feroz,
Esse anseio perdido em que ambos nos achamos.

Mas, vi depois o engano:—O Mundo éramos nós!
(Inédito) Artur Tojal



Dirigida por Waldemar Esteves

A Associação e o Campeonato de Júniores

PROPUSEMO-NOS no último número a tratar o assunto do título e cá estamos. Muitos dos nossos leitores devem ter destes artigos, (perdoe-nos a presunção) a mesma ideia, da dum ser humano a prègar no Saarah. Podemos desde já informá-los, que se não partilhámos da mesma ideia no seu todo, quase. Sim, porque fazer ouvir toda a repulsa (para não dizer outra coisa) pelos factos passados na época transacta, é difícil. A imprensa diária absorvida por outros desportos de maior lucro material, não atende convenientemente os problemas do oquei e muito especialmente este, que faz perigar a estrutura dele, ao ponto de dentro em pouco, necessitar-mos de recomeçar, em condições mais difíceis, o que tanto tempo e trabalho levou a fazer chegar, ao actual valor do nosso oquei.

Fazem-nos lembrar, as atitudes tomadas pela Associação de Braga de "brincadeiras de crianças", mas analisemos em pormenor.

Aberta a inscrição de Júniores para o Campeonato Regional e dado que as inscrições chegavam para realizar o dito campeonato, procedeu-se ao respectivo sorteio e marcação de calendário. Logo a seguir faz a Associação distribuir pelos grupos seus filiados, uma circular em que incluiu o calendário com datas e horas dos jogos a realizar.

Até aqui muito bem. Mas... nada se cumpriu. As datas foram passando e de positivo nada fez! Porquê? Porque daria trabalho a enviar Boletins dos jogos, sortear árbitros e conferir os mapas da receita? Mas senhores, a indolência no oquei, é base para queda. Até a essa conclusão chegaram os nossos técnicos e são bem aqui lembradas as palavras do jornalista Olivério Serpa, que afirmou: "Para o oquei se colocar em bom plano é necessária velocidade, velocidade e mais velocidade".

Ora tudo se conjugou para no Minho se apresentar "ao retardador". Decisões tomadas quando já se tinham escapado da ideia daqueles a quem o oquei lhes interessa. "Nunca uma coisa se torna mais difícil, do que quando nos dispomos a adiá-la". O passado não conta, no entanto, o começo da época aproxima-se e ainda nada sabemos, quanto aos projectos para o futuro.

Que o passado, vergonhoso, sirva de estímulo para os vindouros, são os nossos votos, e o oquei em patins assim o exige.

W. E.

O porquê do nosso valor Oquista

POR FERNANDO RANITO

QUEM desapaixonadamente se entregasse à análise do valor internacional do Desporto Português, e à base disso construísse um gráfico, notaria a existência de muito mais pontos baixos do que pontos altos. Mas mesmo assim, observaria ainda que duas modalidades se colocam num plano extraordinariamente mais elevado em relação às restantes: o oquei em patins e a vela.

Ora quando se constata um facto destes, logo nasce no espírito a necessidade de se saber o porquê. E qual será, realmente?

DIZ-SE...

Que por troca com Meneses, actual titular do Académico do Porto vai o Vitória de Barcelinhos receber um guarda-redes do dito Clube.

*

Que Cesário (ex-Vitória de Guimarães) também reforçará o grupo Barcelinense.

*

Que Cunha Gonçalves será na próxima época treinador-jogador do Sport Clube Vianense.

*

Que o Clube Desportivo da TEBE receberá dum clube portuense um substituto de Arantes, ultimamente desligado do clube.

Noticiário

Ranito continua a dirigir as equipas do Clube Desportivo da TEBE, iniciando já no passado dia 22 os treinos.

*

Cruzeiro, do Vitória de Barcelinhos será afastado da equipa, para cumprir serviço militar.

*

Recebemos do Académico Basket Club de Braga, uma circular em que comunica a constituição dos novos Corpos Gerentes. Por absoluta falta de espaço não a publicamos, do que pedimos desculpa. Desejamos ao Académico e aos seus novos directores, as melhores prosperidades Desportivas.

A razão porque os velejadores portugueses podem ombrear sem desprimor com os melhores, pode encontrar-se no privilégio da nossa situação geográfica e na intensidade com que a juventude se sente chamada pelo mar, desde os remotos tempos "dos mares nunca dantes navegados". Mas já o caso do oquei em patins é mais complexo.

Porque razão, esta modalidade que podemos considerar como uma das mais difíceis e violentas das que se praticam entre nós, estará tão desenvolvida em Portugal, quando quase todas as outras se embalam numa mediocridade que tantas vezes con-frange?

Tem de haver uma razão para este facto; mas qual?

Para este assunto têm aparecido imensas hipóteses, todas elas mais ou menos falíveis.

O primeiro argumento que logo nos surge é o das características propícias ao nosso temperamento latino.

Mas este argumento não tem grande consistência.

Não é também o basquetebol uma modalidade de características básicas idênticas às do oquei em patins?

É, e apesar disso o valor do nosso basquetebol está longe de se equiparar ao do oquei patinado. Valha a verdade que as características físicas que estas duas modalidades requerem são muito diferentes, e que o basquete pede uma estatura pouco vulgar no nosso País. Mas mesmo assim a Seleção Nacional dessa modalidade já apresentou 7 ou 8 elementos com altura superior a 1,80 e apesar disso os progressos não foram tão flagrantes como se poderia esperar. Portanto o temperamento latino não é argumento válido.

Já houve quem opinasse que a posição altaneira do oquei patinado português se devia ao interesse inicial com que um grupo de excepcionais praticantes, então amparou os primeiros passos desta modalidade, e que o resto veio ao ocasional interesse que o público lhe dispensou.

Este argumento já é mais interessante, mas a verdade é que ainda não o consideramos satisfatório. Primeiro porque se baseia em muitos "acazos": — o *aparecimento súbito* de praticantes excepcionais logo no início da carreira desta modalidade, e o *interesse súbito* que as vitórias alcançadas para lá das fronteiras causaram no público português. Isto tudo somado soa-nos um bocadinho a falso. Portanto em boa consciência tem também de se pôr de lado.

Mas como há-de haver uma razão, fomos aprofundando a questão, em busca de

Pinceladas históricas

Perfil do Infante D. Henrique ⁽¹⁾PELO COMANDANTE EDUARDO LUPI
Director da Biblioteca e Museu de Marinha

JÁ foram caíndo dos bicos da pena algumas referências dispersas a personalidade e à obra do Infante D. Henrique: nem poderia ser de outro modo em estudo desta natureza e objectivos. Seria todavia feia avançar a responsabilidades deixando-as com outros traços mais, os suficientes para ficar vincado o perfil que se divisa à luz dos documentos e das acções. D. Henrique foi acima de tudo um Cruzado, isto é, um guerreiro cristão abraçado pela Fé intensíssima da sua época, apostado em defendê-la e em propagá-la: assim começou, assim viveu, assim acabou. A dedicação ardorosa a esse ideal, mas condicionada pela sua qualidade de príncipe, forçou-o, porém, a encarar numerosos problemas de diversa ordem, não só da Empresa de Marrocos, como outros mais, à primeira vista situados em sectores de actividade bem diferente e que se diriam avessos ao seu feitio, como foram os da Navegação e Descobrimento, acessoriamente também não poucos de pecúnia, de comércio e finanças. Nenhum desses cuidados enfeitou; todas essas dificuldades resolveu com aquela completa penetração de aparentes enigmas e aquela infatigável atenção a pormenores que são únicas chaves do triunfo nos grandes empreendimentos. Meio século depois do seu passamento revelou-se na Índia outra capacidade genial portuguesa, a de Afonso de Albuquerque, não tão elevada como a sua, é certo, mas logo inferior na hierarquia dos verdadeiros valores, que análogamente se destacou pela multiplicidade de talentos e pela assombrosa produtividade de espírito sempre novo em corpo já gasto pelos anos.

um argumento, ao menos satisfatório. E após muitas desistências encontramos uma. Claro que o consideramos discutível, mas o que não pode haver dúvidas é que, pelo menos, tem lógica.

Vejamos pois:

Como todos sabemos, o oquei em patins é uma modalidade de pouca expansão no mundo do desporto. Quer dizer, não tem despertado em muitos países o interesse que desperta (ou que pelo menos despertou...) cá no nosso.

Ora esta falta de expansão reflecte-se, certamente, no nível de aperfeiçoamento técnico-táctico da modalidade. Esse facto leva-nos a pensar que é muito possível que aquilo que nós consideramos como técnico-táctico perfeito, venha, num futuro mais ou menos próximo, a tornar-se muito mais perfeito.

Por outras palavras: talvez o nível elevado do nosso oquei, seja afinal illusório e que se esta modalidade um dia alcançar a expansão do atletismo, do futebol ou do basquetebol, nós nos vejamos relegados para um plano secundário, imprevisível.

De notar que o progresso desta modalidade em Espanha resultou uma imediata descida do nosso País do lugar cimeiro. Ora isso pode bem ser tomado como um argumento a favor da nossa tese.

Confessamos que é pessimista; mas não há dúvida que observando a tendência existente no Desporto Português para a improvisação e para a falta de treino, concluimos que se é pessimista, pelo menos tem uma qualidade: é realista.

É bem da mísera condição humana proceder sempre a acção pessoal de móbil interesseiro, alto ou baixo, seja ele qual for. Móbil visível a todos, ou invisível até ao próprio, mas em verdade existente, a maior ou menor profundidade. Assim o quere o peso da carne fraca que rebaixa o espírito, mesmo forte: e só vale a esperança em mundo melhor, liberto de toda a escória.

Accepta a realidade, não há lugar nos homens para desânimo, nem para desistência, visto restar-lhe a opção entre móbil nobre e móbil vil: opção fácil, pois a consciência como tais ambos aponta.

Foi D. Henrique mero mortal, embora de quilate muito raro. Já Zurara lhe chamou príncipe pouco menos que divinal; pouco menos; em todo o caso menos, como não podia deixar de ser.

O seu móbil interesseiro, único conhecido, o seu inevitável pecado de condição humana, foi o amor de glória. É João de Barros quem melhor o aponta, naquela prosa modelar que tanto pesa não dispor de lugar para transcrever na íntegra. Extraí-se pois a seguinte súpula, ressequida, dos motivos do Infante:

Como cavaleiro, suspirava por empresa própria; como cristão e português, punha-a na luta contra o infiel; como Mestre da Ordem de Cristo, planeava-a grandiosa, para glória sua e da milícia que chefiava; porque o mouro já fugira de Portugal, pensava ir persegui-lo onde ele ainda estava, em Granada ou no Megrabe; se a política nacional contra-indicava o primeiro teatro de operações, oferecia-se o segundo.

Barros diz-nos que ao pedido de licença do filho, o pai e Rei opusera revelação do mesmo desígnio, de longe acalentado, porém como empresa nacional, portanto própria. Desilusão do príncipe e Mestre: a glória seria e continuaria sendo da Coroa, o mando também, o sacrificio igualmente.

Noutro país, com outros dois homens, ainda naquele findar da Idade Média em que tudo se resolvia à má-cara, seria o dissídio familiar, a luta de paixões violentas, acaso a guerra civil. Mas era Portugal e tratava D. João I com o Infante D. Henrique: compuseram-se. A Ceuta (e ao mais projectado no reino de Fez, que já não pôde realizar-se então) iriam todos com o Rei à cabeça, buscar glória e dilatação para o reino inteiro. O Infante prosseguiria com o seu ideal, procuraria a sua glória pessoal, ergueria o guião da sua empresa própria, ficaria com os acrescentamentos conquistados por si e pelos seus freires — mas para além do reino de Fez tornado coutada nacional, na continuidade dessa Mauritania que se não conhecia e só se sabia existir, enorme e toda infiel. E esta versão de Barros explica muita coisa, ocorrida então e posteriormente, que de outro modo se não entenderia, relativa a expedições anteriores à de Ceuta, bem como disposições desarmónicas contidas em cartas de doação dos soberanos, até do próprio D. João I,

em bulas papais e documentos referentes à questão das Canárias. Explica—dado que se entenda, se partilhe (a ser lícito dizê-lo sem irreverência) aquele amor nobre da glória nutrido por quem, como o Infante, de algum interesse humano teve de

ser escravo, mas qualquer outro, menos exaltado, desdenhou por completo. E agradeçamos a Barros, mais uma vez, o equilíbrio mental e a probidade do depoimento, que deveras remata, humanizando-o, retrato moral de D. Henrique.

Não se atribuirá aqui ao filho Infante a ideia inicial da Empresa de Marrocos que o pai D. João I no célebre Conselho de Guerra em Algeciras confessou nutrir desde 1409, ainda antes da paz com Castela, portanto, quando D. Henrique com 15 anos de idade era moço demais para gizar altos planos políticos da Nação: isto apesar da precocidade dos homens de então e de certo acentuada na sua pessoa.

(Continua no próximo número)

(1) Da obra «Dinastia de Aviz—Operações navais no Oceano Índico Ocidental», em preparação.

Instituto Nacional de Trabalho e Previdência

Com pedido de publicação recebemos as seguintes notas:

NOTA OFICIOSA

«Considerando que muitas empresas a quem têm sido deferidas por esta Delegação do I. N. T. P. isenções do horário de trabalho, supõem que os empregados ou operários isentos, não têm limites de horas de trabalho.

Considerando ainda que muitos são os empregados e operários que posteriormente se queixaram no Tribunal do Trabalho por excesso de horas de trabalho.

Considerando também que muitas isenções foram concedidas há muito tempo.

Comunica-se a todos os interessados o seguinte:

1.º — Que todas as isenções concedidas até 31-12-1957, ficam sem efeito;

2.º — Que as empresas, se assim entender podem fazer novos requerimentos desde que os isentados estejam nas condições legais, e das instruções que temos dado para o efeito.

Esclarece-se também que os proprietários dos estabelecimentos em nome individual não carecem de isenções de horário de trabalho para suas esposas».

Indústria Têxtil de Malhas

«Por despacho, de 26 do mês findo, do Snr. Ministro das Corporações e Previdência Social, foi alargado o âmbito do aditamento, aprovado por despacho de 26 de Julho de 1957, ao Acordo Colectivo de Trabalho para a indústria têxtil dos distritos de Braga e Porto a todas as empresas que exerçam, no continente, a indústria têxtil de malhas.

Este despacho entrou em vigor no dia 3 do corrente.

Braga, 5 de Março de 1958».

Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no corrente mês os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Domingos Gonçalves da Silva e Rosa Gomes de Figueiredo.

DIA 2 — Domingos Gonçalves Fernandes.

DIA 3 — Antónia Gomes da Silva e Maria da Conceição N. Pereira.

DIA 4 — Arminda da Costa Pereira, Maria Irene Gomes Ribeiro, Maria do Carmo M. P. Barbosa, Júlia Mendes Martins, Teresa da Silva Andrade e João Gonçalves Duarte.

DIA 5 — Maria dos Anjos M. Gonçalves, Maria de Jesus Araújo, Margarida dos Santos Ferreira e Maria dos Prazeres P. Vilas Boas.

DIA 6 — Abílio Duarte Pedras e Maria Albertina Gomes Carvalho.

DIA 8 — Ana Miranda Rodrigues.

DIA 9 — Maria Helena B. Pereira.

DIA 10 — Rosalina Pires Freitas, Rodolfo Quintela de Azevedo e Maria Celestina Terroso Lima.

DIA 11 — António Luís Neiva Veloso, Teresa de Jesus L. Soares e Maria dos Prazeres Q. dos Santos.

DIA 12 — Maria da Conceição Lopes Alves.

DIA 13 — António Felgueiras, Ana da Silva G. Costa, Maria Adelaide Lopes Araújo e Maria da Conceição Fernandes.

DIA 14 — Maria Teresa Magalhães Faria.

DIA 16 — Glória Lopes Correia, Maria Júlia F. Carvalho,

João Passos Ribeiro Novo e Teotónio Rodrigues da Silva.

DIA 17 — Mário da Silva Freitas, Maria da Glória Oliveira Coelho, Rosa da Costa Senra, Maria Judite C. Miranda e Maria da Conceição Mota Pereira.

DIA 18 — Maria Angelina C. Salgado.

DIA 19 — Ilda Ferreira da Silva e Carolina Fernandes Ribeiro.

DIA 20 — Eduardo António da Silva, Maria do Carmo S. Coelho, Júlia Sá da Silva, Maria Amélia Garrido e Ana da Silva Lopes.

DIA 21 — Maria do Carmo P. Araújo e Maria Justina Gonçalves Ramos.

DIA 22 — Deolinda Simões Araújo e Rosa Lopes da Silva.

DIA 23 — Rosa da Conceição Correia Lopes, Veríssimo Alves da Silva, Maria da Glória L. Pereira, Maria Acácia F. Durães e Zulmira Ferreira da Silva.

DIA 24 — Leopoldina Augusta Ferreira, Maria Real Ribadas e Maria Olímpia M. Gomes.

DIA 25 — Maria Vergelinda C. Rodrigues, Maria Isolina Dantas Correia, Marcelina da Conceição P. Novais, Teresa Ferreira Ribeiro e Maria Teresa T. da Silva.

DIA 26 — Maria Emília Magalhães Faria, Maria Emília Soares Silva, Maria da Glória F. Carvalho e Carlos Alberto Freitas Lemos.

DIA 27 — Maria Cristina da Silva e José Ricardo Lourenço.

DIA 28 — Idalina Lemos Rodrigues da Silva, Augusto da Silva Lomba, Maria Amélia Moreira, Ana Lopes Fernandes e Laurinda Abreu da Silva.

A todos, os nossos sinceros parabéns.

Secção Literária

Alminhas, Nichos e Cruzeiros de Portugal

O Padre Francisco de Babo, iniciador e renovador do estudo e propaganda das alminhas, deu agora à estampa mais outro trabalho «Alminhas Portuguesas».

Ele, entusiasta e culto, apaixonado ardente continua com o facho sublime da sua força realizadora levando em marcha progressiva o restauro «das lindas e tradicionais alminhas».

Como se trata de um trabalho sério aconselhamos a sua leitura e difusão.

No próximo número referir-nos-emos à essencialidade da obra.

António Baptista

Novo Bibliotecário Municipal

O «Jornal de Barcelos» noticiou a nomeação do director do nosso «Boletim» para bibliotecário Municipal nestes termos:

«Por deliberação camarária foi nomeado encarregado da Biblioteca o nosso prezado amigo Snr. António Baptista, director do «Boletim Social da TEBE».

As nossas felicitações».

e «O Barcelense» pronunciou-se assim:

«Foi com agrado que recebemos a notícia de ser nomeado bibliotecário da nossa Biblioteca Municipal o nosso amigo e distinto Jornalista, Sr. António Baptista.

Côncio das responsabilidades, temos a convicção que saberá engrandecer e valorizar o património cultural de Barcelos.

A escolha foi acertada».

Agradecendo aos dois amigos a sempre crescente prova de estima, creiam também na nossa leal camaradagem.

A propósito do Simbolismo de alguns Brasões das Províncias Ultramarinas

Palestra proferida pelo Sr. Dr. Márcio Gonçalves Ferreira na reunião de 21 de Novembro de 1957 e que, amavelmente, consentiu na sua publicação neste «Boletim», modificando e aumentando a sua contextura onde julgou conveniente

Meus senhores:

Cumpre-me agradecer ao Excelentíssimo Presidente deste Club o honroso convite que me dirigiu para fazer uma palestra, à guisa de arranjo mais ou menos ordenado ou de breve rapsódia heráldica, tomando como tema principal alguns brasões das nossas Províncias Ultramarinas, advertindo, porém, sem mais demora, que não passo de um «dilettante» da Simbologia.

E os meus agradecimentos são tanto mais sinceros e calorosos quanto é certo que, além da elevada estima e consideração que venho dedicando a V. Ex.^a e a tantos ilustres companheiros do vosso nobilíssimo Ideal, já há muito que admiro a acção e o movimento a que o alto pensamento do excelso filantropo Paul Harris continua a dar vida com a salutar e inexaurível seiva de princípios e imperativos cristãos e altruístas.

Saúdo, pois, apesar da minha qualidade de simples simpatizante, na pessoa de V. Ex.^a e dos seus dignos confrades aqui presentes, a prestimosa instituição Rotary Internacional.

Apraz-me recortar, desde já, este passo de um dos mais salientes rotários portugueses — o sr. Governador Domingos Ferreira:

«Em Rotary uma ideia fixa nos domina e guia: — a Amizade.

«Da Amizade, da Tolerância, da Compreensão e do Respeito mútuo, chegaremos ao objectivo de Rotary: Estimular e fomentar o ideal de servir como base de todo o empreendimento digno, promovendo e apoiando:

1.º — o desenvolvimento do companheirismo como elemento capaz de proporcionar oportunidade de servir;

Atenção

Leiam no próximo número um artigo intitulado «AS BIBLIOTECAS E A CULTURA».

Aniversário de «O Barcelense»

«Boletim Social da TEBE» apresenta a «O Barcelense» os seus cumprimentos pela passagem de mais um aniversário, desejando que continue a fazer muitos mais anos.

2.º — o reconhecimento do mérito de toda a ocupação útil e a difusão das normas da ética profissional;

3.º — a melhoria da comunidade pela conduta exemplar de cada um na sua vida pública e privada; e

4.º — a aproximação dos profissionais de todo o mundo, visando a consolidação das boas relações, da cooperação e da paz entre as nações».

*

O Rotary, já com as suas centenas de milhares de associados pertencentes a cerca de cem países e regiões geográficas e orientado por estas encantadoras ideias universalistas, condensadas na Cordealidade, na Tolerância, na Benevolência, no Perdão, na Paz e no Amor, bem pode aspirar a ver «raiar o dia em que o Mundo seja mais harmonioso e se faça inteira justiça às suas elevadas e puras intenções», como profetiza o culto rotário sr. Maurício Águas Pinto, que teve a amabilidade de me oferecer com gentil dedicatória o seu elegante «Compendio».

Muito me impressionou verificar nesse belo opúsculo a justeza dos princípios rotários focados no seu emblema.

E quero aproveitar a oportunidade de salientar os abusos e heresias que se vêm notando nos símbolos de diversos organismos nos campos associativo e desportivo, contra os quais se insurgia recentemente «Boletim da Academia Portuguesa de Ex Libris», dirigido pelo dr. Carlos Lobo d'Oliveira e por D. Guida Keil, lembrando a necessidade de o direito de usar tais emblemas deve ficar dependente de autorização idêntica à que é exigida para os símbolos corporativos.

Consiste realmente o emblema rotário na roda dentada de ouro com as depressões de azul em campo branco.

Esclarece o sr. Armando Ar-ruda Pereira, o primeiro latino-americano que exerceu a presidência do Rotary Internacional, que a roda é um valioso elemento na Indústria, no Comércio e na Agricultura e de vital importância para o progresso da Humanidade; e que assim como ela é indispensável a essa actividade, também os princípios e as normas do Rotary são necessários ao bem estar de todos aqueles que exercem uma profissão.

(Continua no próximo número)

O MINHO

(Continuação da página 1)

usança favorita — usança que não pouco contribui para avivar, em qualquer panorama do Minho, aquele aspecto de mimo e de frescura que tanto concorre para o afigurar, quando visto de um alto, imenso e formosíssimo jardim, retalhado em canteiros irregulares.

As arraías, que delimitam aos lados, este plaino, ainda lhe acrescentam mais no delicioso e no pitoresco do aspecto. De um lado, a noroeste, estreita-o o Cávado — rio que, de verão, se reduz as mais das vezes a cinco ou seis pequenos regatos, cada um dos quais se transpõe facilmente de um salto; mas que de inverno transmonta caudaloso, lambendo em torrentes as margens, e que, depois de atravessar a Penida em salto de cavalo selvagem e furioso, corre até Esposende, onde se lança no mar. Borda-lhe as margens frondosa e quase interrompida alameda de pinheiros gigantes e seculares, e de castanheiros e carvalhos, que verdadejam copados de parras brotadas dos inumeráveis braços, com que os enlaçam as cepas plantadas de encosto a eles. Defronte, na margem direita, jaz a aldeia de Manhente, couto antiquíssimo; e, mais ao lado, a casa solar de Azevedo, na esplanada da encosta, a branquejar por entre os pinheiros, com as suas dezasseis colunas de polido granito e a sua torre senhorial, que recorda os tempos gloriosos em que viveu ali o famoso Lopo Lopes de Azevedo, um dos capitães de Aljubarrota, e o não menos famoso Martim Lopes de Azevedo, um dos doze de Inglaterra — lenda romanesca que inspirou a Camões magníficas estâncias, e cuja possibilidade não está tão longe da verdade histórica como muita gente imagina.

Tais são os limites pitorescos, que bordam a noroeste a formosa planície. A sudeste levanta-se a montanha de Airó, braço gigantesco que o Gerês estende para o Cávado, cultivado até mais de meia altura, e coberto de aldeias, de campinas e de árvores sempre verdejantes, através das quais alvejam as casas dos lavradores, e levantam-se os campanários das igrejas. O cimo alteroso, sobre o qual se vêem muitas vezes pousadas nuvens, achata-se em vasta planura, assombrada a espaços por denso arvoredo, por entre o qual jorram fontes naturais de água lim-

pidíssima. Da aresta avista-se Braga, Barcelos, Caminha, Esposende, Viana, aldeias, rios, campinas — imensa paisagem enfim no mais formoso panorama, que se pode alcançar do alto de qualquer montanha do Minho, até mesmo do cimo dos pinheiros do Gerês, donde a vista se espraia em verdade por mais dilatado território, mas donde o panorama é menos belo, por ficar a maior distância, e por isso mais nebuloso e menos perfeito.

Nesta aldeia de S. João de Areias, à margem do Cávado, e no meio desta formosa paisagem assim delimitada, levanta-se o mosteiro de Vilar de Frades, a antiga casa capitular dos padres lóios — os beguinos ou bons homens de Vilar, como por muito tempo os denominaram os nossos maiores.

A primitiva fundação do mosteiro de Vilar data, segundo dizem, da segunda metade do século VI; mas foi somente desde os princípios do século XV que pertenceu aos padres lóios, os quais, apossando-se dele, arqui-tectaram sobre o acanhado e mesquinho cenóbio, que os beneditinos tinham abandonado, o majestoso edifício que ainda hoje se levanta naquele local. Desta época é que data também a sua celebridade. Desde então o mosteiro de Vilar foi sempre tido em conta de um dos mais famosos do Minho. E com justiça o era, não só em razão de majestade do edifício e do pitoresco do sítio, mas, e sobretudo, em respeito de grandes riquezas que possuía, e dos vastos domínios que senhoreava. O reitor dos beguinos de Vilar, além de muitas outras possessões, era senhor donatário dos coutos de Vilar e de Manhente, o coudel-mor e alcaide-mor dos mesmos coutos, onde nomeava a justiça cível. Apresentava sessenta abadias e curados, e as suas terras coutadas eram isentas de um sem-número de impostos. Em razão de donatário era também capitão-mor das ordenanças dos dois coutos. Estes altos e poderosos cargos, por incompatíveis com a santa paz e doçura dos hábitos monásticos, eram exercidos, em delegação, por um oficial secular subalterno do reitor e dele dependente. Este oficial era o sargento-mor das ordenanças dos coutos...

(«O Sargento-Mor de Vilar»)

Advertência

«BOLETIM SOCIAL DA TEBE» NÃO SE OBRIGA A PUBLICAR COLABORAÇÃO NÃO SOLICITADA, EMBORA ESTA LHE MEREÇA FRANCA SIMPATIA. PUBLICARÁ SÒMENTE OS ORIGINAIS QUE SE ADAPTEM À NATUREZA DESTA PUBLICAÇÃO.

A mulher e a criança

(Continuação da página 1)

ços nos movimentos, apenas, pela necessidade de resolverem sòzinhas as suas próprias dificuldades. Têm saúde porque o seu grande amigo, o Sol, se encarregou de os tonificar e de destruir os milhares de micróbios dispersos pelas ruas em que essas crianças se rebolaram e onde encontraram, a todo o momento, os objectos mais impróprios e imundos, que utilizaram nas suas brincadeiras constantes. Andam sujas essas crianças e difficilmente se adaptam a bons hábitos de higiene, nem aceitam a disciplina, nem sentem interesse pela instrução. Tudo que lhes tolha a liberdade dos movimentos, como aos animaizinhos bravios, eles não toleram, nem se adaptam. Por isso, na escola, são os mais atrasados e indolentes, sem gosto, nem vaidade, nem amor para trilhar o caminho novo que lhe pode abrir diante dos olhos perspectivas largas.

Andam estas crianças ao abandono, embora na sua casa haja pão, lume, pai e mãe. Mas quase desconhecem o ambiente dum lar, porque a hora da refeição é apressada e o outro tempo passam-no, eles, na rua, sujando-se, rasgando-se, aprendendo o que não devem, causando estragos, improvisando brincadeiras, quantas vezes desastrosas, enfrentando todos os perigos, inocentemente, felizes quase... no seu abandono, senhores absolutos dos seus actos.

Porque são as crianças as vítimas do egoísmo dos pais, da sua ignorância dos mais elementares deveres que Deus, a Pátria e a sociedade lhe impõem, quando no altar fazem um juramento sagrado de repartirem as alegrias e trabalhos...

Não faz falta em casa a fêria da mãe, faz muita falta mais o seu trabalho doméstico, a vigilância permanente sobre os filhos, a orientação constante desses pequeninos que nada sabem do mundo, os seus conselhos e carinho, o cuidado com a alimentação, com a sua higiene e conforto.

Não faz falta nos lares o dinheiro da mãe, quando esse dinheiro é ganho prejudicando a saúde e a educação dos filhos, que mal conhecem, pois o tempo de que dispõem chega-lhes apenas para lhes ralhar ou castigar. Os filhos dos operários parecem

pobres de pedir: sujos, rotos, descalços, desorganizados, de cabelos grandes, unhas crescidas, sem lenços, com calções por cima de calções, cobrindo com uma blusa lavada uma camisola suja, com feridas, mal alimentados, pálidos e atrasados no seu desenvolvimento físico e mental. Será realmente falta de meios ou será apenas a falta da mãe, que vive consumida mas sem tempo para atender a esses graves problemas dos filhos que não têm o amor de mais ninguém para cuidar dos seus males.

A quem cabe a responsabilidade deste problema? Talvez às próprias mulheres que desde raparigas se prepararam apenas para o seu trabalho profissional sem interesse pela missão que, um dia, terão de desempenhar, quando sobre os seus ombros pesar o encargo da direcção duma casa!...

Elas não se lembraram nunca que o casamento para que correm alvorçadas, as acorrenta a deveres e responsabilidades a que jamais poderão fugir. Por isso, elas próprias, são muitas vezes a causa da infelicidade dos seus lares. Não levaram a preparação espiritual precisa e levaram menos ainda a noção dos trabalhos que abraçam levianamente. Não sabem dispensar o dinheiro que ganham porque falta-lhes saber viver com arranjo e economia. Perderam o gosto pelos trabalhos domésticos, na ânsia de ganhar dinheiro e nessa ânsia irão depois sacrificar os filhos, o marido, a casa, que todos se têm de adaptar a este género de vida, que o progresso da civilização vai criando, sem respeito pelos mais elementares direitos da família, que ganha em dinheiro, o que perde em união, em coesão, em amor, em saúde.

Há sempre excepções, é certo, mas a maioria das mulheres que correm alvorçadas para o seu trabalho, se são boas mães, deixam o coração retalhado pela casa e pelas ruas onde crianças desamparadas ficam entregues a Deus que, «ao menino e ao borracho põe a mão por baixo», e por isso os encontram com vida e sem aleijões quando, à noite, regressam cansadas para os verdadeiros trabalhos da mulher — o arranjo da casa e dos filhos.

JOÃO GONÇALVES MARTINS

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

«A MUNDIAL»

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

SECÇÃO FEMININA

Nobres figuras de Mulher

Por MARIA MATILDE

ERA uma vez... Chamava-se Filipa, e nasceu há muitos anos já, no século XIV, longe, na brumosa Inglaterra. Foi seu berço a nobre casa de Lencastre, cujo emblema—uma rosa—bem podia simbolizar o destino que lhe estava destinado.

Na verdade, pelo casamento com o nosso rei D. João I, D. Filipa foi para a corte portuguesa de então, qual rosa, que pela pureza e austeridade dos seus costumes, pela sua elevação e cultura, embelezou e perfumou o ambiente em que viveu!

Da sua infância e juventude pouco se sabe. Certamente teria sido o caminho, a preparação para a missão de Esposa e Mãe, que com excepcional valor soube cumprir.

Há uma comparação de Jesus, que bem se lhe pode aplicar: "toda a árvore boa dá bons frutos; toda a árvore má, dá maus frutos. Pelos frutos as conhecereis...".

Ora os filhos de D. Filipa, de tal forma se distinguiram, que mereceram ser denominados pelos historiadores a Ínclita Geração—a Ilustre Geração!

El-rei D. Duarte, o sábio, o eloquente, se como rei, a morte não permitiu que realizasse grandes feitos—cedo o levou—foi um príncipe esforçado, e deixou provas de um profundo espírito: "o Leal Conselheiro" obra de sólidos ensinamentos dedicada a sua mulher D. Leonor; "A Arte de Bem Cavalgar" completíssimo tratado de montaria, prática (ou desporto em linguagem moderna) favorita da fidalguia da época.

D. Pedro, o protector das donas e donzelas, o cavaleiro valoroso, amigo e leal, é o consciencioso autor das "Virtuosas Bemfeitorias"—um tratado de ética considerado das obras mais demonstrativas da Idade Média, revelando profunda cultura clássica. E notemos bem, que nesse tempo, escrever um livro não era acontecimento vulgar como nos nossos dias—estes representavam verdadeiros marcos da cultura medieval, documentos preciosos do pensamento de então!

D. Henrique, o Infante Navegador, um daqueles seres extraordinários que aparecem de quando em quando na História

dum país, o austero realizador, o génio que na solidão da Ponta de Sagres modificou o destino dum povo—e abriu novos mundos ao mundo, no dizer de Camões...

D. Fernando, o Infante Santo, que mereceu tal designação pela forma como se houve na adversidade: suportando o cativo sem um queixume, sofrendo inalterável, dos mouros, os piores vexames e crueldades, exortando e animando os companheiros. Rezam as crónicas antigas: "Quem poderia contar a paciência e omildade com que este Senhor suportava tantas injurias e desgraças?". Por fim aceitou a morte—na flor da vida—com uma coragem heróica!

D. João, mais obscuro, mas inegavelmente um bom príncipe e um valente cavaleiro.

D. Isabel, tão injustamente desconhecida entre nós, mas que como sua mãe em Portugal, foi a rosa que elevou, morigerou, perfumou a corte de Bolonha, —mulher admirável de Filipe o Bom, mãe valorosa do grande Carlos Temerário.

"Pelos frutos as conhecereis"... Que melhor prova pode dar de si uma Mulher que presenteia o mundo com semelhante coroa de heróis e santos?

Brilhou com grande fulgor. Não pelo nascimento—as fidalgas do seu tempo, quem as conhece hoje?; não por ter sido rainha—quantas centenas de rainhas são totalmente desconhecidas?; mas sim pela austeridade de vida—que soube impor aos seus, numa época em que os costumes eram bem pouco edificantes—; pela elevação do seu espírito—que proporcionou aos filhos o ambiente culto, que reflectiram depois, conforme as inclinações respectivas—; pela força de ânimo—que a levou, moribunda, a armar os filhos cavaleiros, não permitindo que nem eles, nem o Marido deixassem de prosseguir na histórica expedição a Ceuta—em resumo: foi pelo valor excepcional com que realizou a missão feminina por excelência, em todos os tempos e em todos os lugares: a missão de Esposa e Mãe, que, passados tantos anos, ainda é conhecida e venerada a nobre figura de

D. FILIPA DE LENCASTRE

A mulher e a criança

Por MARIA LÚCIA

RA vida que corre cheia de problemas complicados e confusos há um que vós, mulheres operárias, não tendes muitas das vezes, a noção da sua gravidade:—a educação dos vossos filhos.

A maior parte das mães que deixa filhos pequeninos em casa, na rua ou nos vizinhos, e vai entregar-se a uma canseira diferente, não pode ser boa mãe ou, então, é uma operária sem valor profissional. Se tem algum amor ou algum interesse pelos filhos nenhum trabalho será rendoso nem perfeito, porque o seu pensamento não está ali, mas sim na casa, ou na rua junto dessas crianças constantemente à beira de perigos. Se é uma operária boa, então não tem amizade a esses pequeninos, absolutamente desamparados, entregues aos seus próprios caprichos e fantasias. O dinheiro que recebe ao fim de cada semana é uma afronta ao futuro e felicidade dos seus filhos, que elas sacrificam a interesses mesquinhos.

A vida obriga-vos a que penseis no vosso filho só depois de ele nascer, quando já os tendes nos braços e precisais de vos desembaraçardes desse fardo que vos tolhe os movimentos.

Ficar em casa para olhar por a criança indefesa que chegou ao mundo cheia de necessidades, isso não é solução porque faz

falta o dinheiro que ganhais, mas ao vosso filho não fazem falta os vossos cuidados, os vossos carinhos, a vossa vigilância constante. Lamentais-vos que a vida está difícil, mas cada vez será mais complicada, pois as exigências vão aumentando na proporção dos ganhos e a economia anda mal dirigida porque falta em casa a mãe, que organiza, arranja, guia, atende, remedeia e compõe; falta em casa quem reparta o que há, quem aproveite o que fica, quem dê valor ao que se deita fora. E vós, pobre mulheres operárias, andais atarefadas, fazendo o serviço da casa precipitadamente, sem interesse e sem amor, porque poucas são as horas disponíveis e talvez poucas também as forças, gastas já na fábrica e nas caminhadas sempre vencidas numa correria... Ficaeis em breve depauperadas, sem energias, sem paciência e cada vez mais distantes da verdadeira missão da mulher—preparar os vossos filhos para a vida que os espera—Vida cheia de dificuldades que têm de vencer, se para isso, estiverem preparadas. Mas ai, é a vós, que amanhã, eles pedirão contas, se falharem.

Infelizmente, eles falham mesmo antes de chegarem a homens, quantas vezes...

São crianças com desembara-

(Continua na página 7)

A ambição

ANDA o mundo perturbado, as nações envolvidas em questões confusas e medonhas. Raças de temperamentos e índoles diversas aliam-se arbitrariamente, na ânsia louca de consolidar e aumentar forças que possam satisfazer suas ambições ou defender das ambições de povos vizinhos.

A ambição não tem limites, entre as nações, entre as sociedades, entre as pessoas de todas as condições sociais. E talvez seja a ambição desmedida, insatisfeita, avassaladora, o vírus da desordem, do desassossego, da desconfiança entre os seres humanos, pobres joguetes de paixões descontroladas.

Essa ambição que se aninha, despercebida, sorrateira, ingénua e apagada num recanto da alma, depois com o rodar dos anos, cresce e expande-se por toda a alma e obscurece e esfuma a noção dos deveres.

Essa ambição que foi sublime enquanto ajudou a criança a fazer-se homem, enquanto deu ao menino o desejo de conhecer o mundo, a ânsia de desembaraçar-se dos segredos da vida, e de orientar os seus passos já decididos por um caminho escolhido, essa ambição que nós dominamos e orientamos, esse querer sujeito ainda à vontade, é uma virtude sublime que eleva os homens. Foram ambições desmedidas que nos deram os Santos, os sábios e os artistas, mas foram também ambições desmedidas que nos deram os criminosos, os ladrões, os déspotas, os viciados.

A ambição, em si mesma, pode ser benéfica ou nefasta conforme o rumo que dermos aos nossos passos.

Ambicionar, ser recto, ser justo, ser culto, ser honesto, é caminhar para um ideal de perfeição.

Ambicionar o poder, a riqueza, o prazer, é caminhar para um abismo profundo, perdendo a sua dignidade, porque essa ambição desmedida concentra no coração todo o egoísmo.

O mundo seria belo se todos ambicionassem o Bem, mas, esta ambição nobre, é feita de sacrifícios, de renúncias, de domínio forte sobre os instintos e poucos são os homens com uma vontade fortemente disciplinada, que deixem vicejar na sua alma o que eleva o ser humano acima do nível rasteiro dos ambiciosos mesquinhos.

AS MALHAS TEBE

não receiam confrontos... Continuam na vanguarda do bom gosto.